



Novembro 2025

Aos ativistas, organizadores de base, comunidades da linha de frente e participantes da sociedade civil:

À medida que se aproxima mais uma ronda de negociações internacionais sobre o clima, ativistas, organizadores comunitários, comunidades da linha de frente e participantes da sociedade civil se preparam mais uma vez para lutar pela justiça climática e defender o Acordo de Paris – motivados tanto pela esperança de mudança quanto pelo desespero com o ritmo das ações que estão sendo tomadas.

Esperança, porque o que está em jogo nunca foi tão claro. Em todo o mundo, comunidades estão se mobilizando, jovens estão exigindo justiça climática e os movimentos estão crescendo. Diante de múltiplas crises, as pessoas estão resistindo e criando soluções baseadas no cuidado, na justiça e na solidariedade. Sabemos que outro mundo é possível. A COP 30 no Brasil está atraindo a atenção global e aumentando a pressão. Realizada em Belém, no coração da Amazônia, a cimeira tem um profundo peso simbólico. A Amazônia nos lembra tanto da urgência da ação climática quanto da centralidade das vozes indígenas, locais e religiosas na construção de um futuro justo e sustentável.

No entanto, o **desespero** persiste. Em todo o mundo, enfrentamos ameaças profundas à democracia, à paz, ao multilateralismo e à justiça climática e econômica. Crises interligadas, enraizadas no extrativismo, nos legados coloniais e nas estruturas de poder injustas, continuam a moldar nossas vidas. A ansiedade está em toda parte, embora seja sentida de maneira diferente dependendo de onde você se situa. Até mesmo nosso senso comum de solidariedade e empatia está sendo desafiado. A distância entre a ciência e a política está aumentando. A cada ano, a urgência da crise climática é confrontada com interesses nacionais de curto prazo, em detrimento de uma visão de longo prazo para o nosso planeta, nosso lar comum. Para a maioria da população mundial, não se trata apenas de emissões ou metas; trata-se de sobrevivência, dignidade humana e justiça.

Com esta mensagem de solidariedade, queremos homenagear sua coragem e compromisso com esses processos: aparecer repetidamente, falar verdades difíceis e incômodas, resistir à negação, ao atraso e ao compromisso, representar as comunidades e nosso futuro comum. Reconhecemos profundamente o sacrifício que você faz: o tempo longe de casa, viagens longas e exaustivas, processos de visto discriminatórios e desumanizantes, risco pessoal à segurança e ao bem-estar e pressão financeira. No entanto, sua presença nesses espaços é muito poderosa. Diante de sistemas projetados para excluir e esgotar, sua presença é um ato de coragem, resiliência e profundo compromisso com a justiça; é um ato de persistência — e de resistência. Sua voz é uma força de esperança – ecoando as lutas, os sonhos e as demandas das comunidades ao redor do mundo.

No espírito de esperança e solidariedade, partilhamos reflexões e mensagens dos diálogos sobre Mudança Sistêmica – uma iniciativa da CIDSE que reuniu 157 participantes de 6 continentes diferentes e 44 países. Os diálogos convocaram atores religiosos globais, comunidades de base e redes mais amplas da sociedade civil, inspiradas pelo apelo do Papa Francisco, a uma abordagem integral e sinodalidade – caminhando juntos em diálogo para enfrentar a crise sistêmica que impulsiona a emergência climática no caminho para a COP30.

Reunimo-nos para nos desafiar com questões difíceis e incômodas sobre o vício extrativista, soluções falsas e dívida ecológica e climática. Fortalecemos a solidariedade, compartilhamos conhecimento e poder e rejeitamos a narrativa dominante de que “é tarde demais e não há esperança de reverter o caminho que estamos trilhando”.

Esperamos que essas reflexões e mensagens dos participantes possam ser uma fonte de inspiração, coragem e força à medida que vocês se envolvem nas negociações climáticas e em outros espaços dos quais farão parte durante a COP30.

1. Nosso poder está em trabalharmos juntos como um coletivo – além das fronteiras, movimentos, idiomas e gerações. Ao nos reunirmos em diálogo e compartilharmos histórias de diferentes origens, pudemos aprofundar nossa compreensão de que nossas lutas estão interligadas, e isso nos fortaleceu. Criar um espaço para diálogo e troca nos permitiu compartilhar alternativas, desenvolver capacidades e promover o empoderamento. Para resistir e persistir, precisamos de maior solidariedade, unindo as divisões Norte-Sul, ligando aqueles afetados

pelo extrativismo com aqueles que beneficiam dele. Juntos, devemos divulgar a conscientização das comunidades afetadas e amplificar suas vozes e tornar visíveis as ações que estão acontecendo ao redor do mundo.

“Apesar dos perigos, grupos e comunidades locais continuaram a se opor publicamente ao EACOP (oleoduto de petróleo bruto da África Oriental) e formaram uma aliança de organizações africanas e internacionais para ajudar a amplificar nossa mensagem.” – Nicolas Omonuk, Uganda – Diálogo 1

2. A verdadeira transformação surge de baixo, do poder das bases e dos movimentos populares. Ela vem das lutas locais que combinam diversas estratégias, desde territórios ameaçados até a resistência liderada por jovens, desde a sabedoria indígena até atos criativos de cuidado e resiliência. Portanto, é fundamental continuar fortalecendo nossos movimentos, conectando nossas lutas e garantindo a solidariedade entre os povos que resistem ao extrativismo e à injustiça climática. Sabemos que a transformação não virá apenas de negociações a portas fechadas. A verdadeira energia para a mudança não está nos governos ou nas corporações. Ela está na coragem, na criatividade e na autonomia das pessoas e comunidades que resistem ao extrativismo e constroem alternativas. Ela vem dos rios, das terras sagradas, das comunidades que sempre souberam viver em harmonia com a mãe natureza.

“Durante as cimeiras internacionais sobre o clima, eles falam sobre como resolver questões econômicas. Por exemplo, como tornar as florestas lucrativas. Eles vêm com fórmulas de fora para tentar nos dizer como devemos gerenciar as florestas nas quais nós, como povos indígenas, vivemos há milhares de anos. Eles não nos incluem. Essas são novas formas de extrativismo e colonização.”
Patricia Gualinga, Amazônia equatoriana – Diálogo 1

3. Resistimos sem comprometer nossa visão de um futuro alternativo. De maneiras diversas e únicas, já estamos reivindicando um mundo pós-extrativista; cada ato de resistência e cada demanda por justiça constroem esse futuro. À medida que a sociedade civil se fragmenta e muitas organizações comprometem seus princípios, permanecemos firmes em expor as causas profundas da crise — um sistema econômico baseado na extração e na exploração. A verdadeira transformação requer um modelo alternativo baseado na justiça, no cuidado e na interdependência. Embora a dívida ecológica talvez nunca seja totalmente paga, podemos escolher um futuro livre do endividamento perpétuo. Se a exploração e a acumulação definem nossa economia, a justiça e a paz permanecerão fora de alcance. Uma economia de reciprocidade e serviço à vida deve garantir dignidade para todos, o direito à terra, mas também acesso à educação, saúde, eventos culturais e território.

“Nós, povos indígenas, sentimos que todos os esforços para pagar a ‘dívida ecológica’ com falsas soluções verdes serão em vão se não passarmos por uma mudança de paradigma, que envolve conversão ecológica, cuidado com o outro e com a nossa terra como um ser vivo.” – Irmã Laura Vicuña, Brasil – Diálogo 2

Lembre-se de que sua voz ecoa a voz de muitos

Quando você entra nesses espaços de negociação, você não está sozinho; você está acompanhado pelas comunidades. Comunidades que estiveram presentes nesses diálogos, com gerações passadas e os sonhos daqueles que ainda estão por vir. Quando você fala, não é apenas sua voz; ela ecoa a voz de muitos – especialmente das comunidades vulneráveis ao redor do mundo. Tenha certeza de nossas orações por força, coragem e sustento enquanto você nos representa.

Esperamos que você leve consigo as histórias de violência ambiental, de vidas deslocadas e perdidas, de rios envenenados. Mas também de esperança, de alternativas, de futuros alternativos sendo construídos e moldados.

Seu trabalho nesses espaços intergovernamentais é importante. Sua coragem e resistência são importantes. Porque nos recusamos a deixar o futuro nas mãos daqueles que protegem o lucro acima das pessoas, governos que atrasam, corporações que negam e negociações cooptadas pelos interesses da indústria.

“Pequenas ações, realizadas por pessoas de boa vontade em muitos lugares pequenos, podem promover mudanças extraordinárias na Terra.” – Irmã Laura Vicuña, Brasil – Diálogo 2

As seguintes organizações ajudaram-nos a co-criar os Diálogos sobre Mudança Sistêmica:

